

Fogo destrói 10% de Poço das Antas

■ Apesar da luta dos bombeiros, 400 hectares foram queimados, há novos focos de incêndio e outra reserva corre risco

CRISTIANE DE CÁSSIA

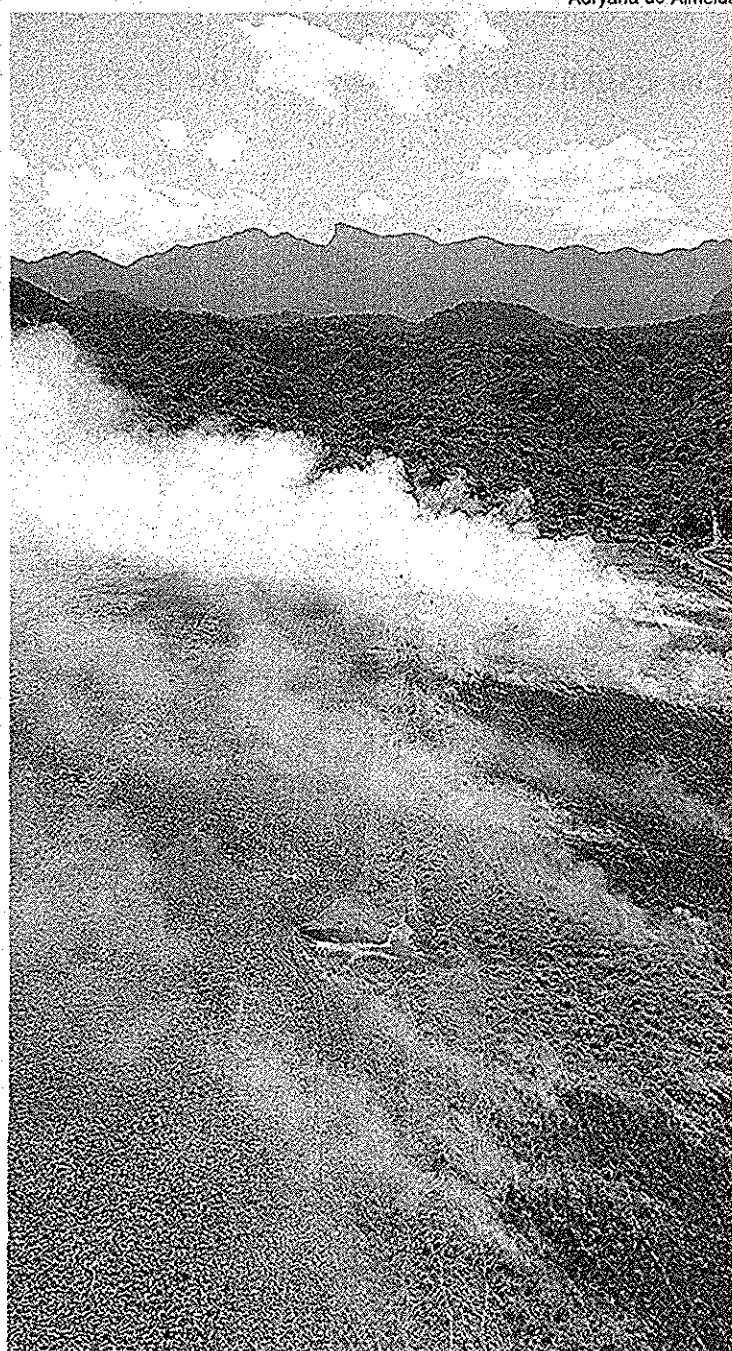
Maiores colônias de micos-leões-dourados do país, a Reserva Biológica de Poço das Antas, em Silva Jardim, sofreu o que se poderia chamar de um incêndio anunciado que já destruiu 400 dos seus 5.300 hectares. Com apenas cinco guardas, a área em volta ocupada até por grileiros e sem recursos, o santuário ecológico vive uma situação de completo abandono. Ontem, quando o fogo parecia estar controlado, surgiram dois novos focos de incêndio. Tentando reverter a situação, só ontem o Ministério do Meio Ambiente aprovou a liberação de R\$ 900 mil para implantar projeto de combate a incêndio nas unidades de conservação do Rio.

Os dois novos focos de incêndio surgiram ontem à tarde numa área de floresta, onde está um centro de pesquisa da UFRJ, e numa outra unidade de conservação próxima dali, a Reserva Biológica União, que, até a noite de ontem, já tinha 30 hectares queimados. O cenário é desolador em Poço das Antas, pois quase 10% da reserva já foram destruídos. E o trabalho dos bombeiros pára de madrugada.

Risco - A situação, que ficou crítica porque o fogo chegou a se aproximar muito do habitat dos micos-leões, chamou a atenção para a grave crise que atravessa a Reserva de Poço das Antas. De acordo com o gerente do Ibama no Rio e coordenador do Prev-Fogo (Sistema Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais), Dionísio Pessamilo, a administração tem contado apenas com o apoio dos municípios vizinhos. A verba extra para combate aos incêndios, comuns nesta época do ano, só chegou ontem, com atraso de dois meses. Foram liberados R\$ 33 mil.

A luta contra o fogo envolveu 72 bombeiros, um helicóptero do Cegoa (Centro Geral de Operações Aéreas) e outro da Marinha. Os bombeiros usaram água do Rio São João e da Lagoa Juturnaíba, que ficam junto à reserva, para debelar as chamas. Porém, o fogo se propagava por baixo do solo, na área de turfa (matéria orgânica combustível formada por vegetais em decomposição), o que tornava difícil a identificação do foco.

União - Mas o fogo não atin-



Adryana de Almeida

O fogo em Poço das Antas voltou a aparecer ontem à tarde

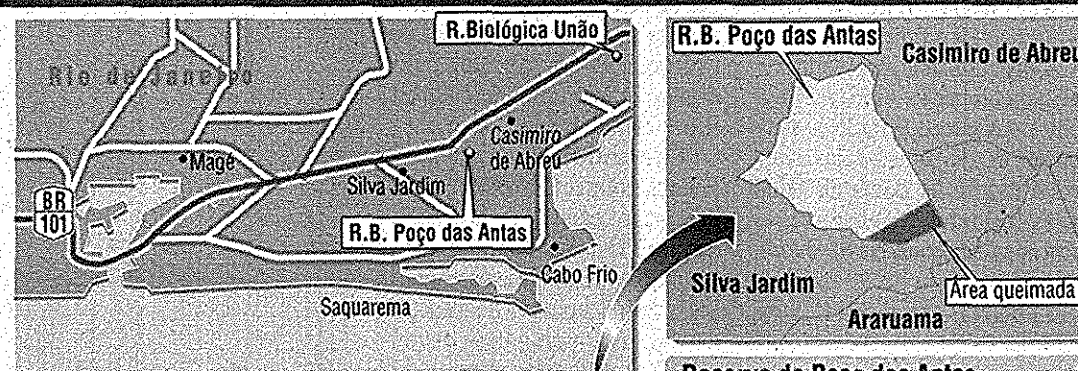
giu, ao contrário do que se temia, a mata onde vivem os micos-leões. A preocupação com os animais voltou no final da tarde, quando novo incêndio atacou a Reserva Biológica União, que tem 100 animais da espécie. Nos dois primeiros dias, o vento forte dobrou o potencial de propagação do incêndio - o que não aconteceu ontem. Mas Pessamilo faz um alerta: "Se não for feito algo agora em relação à grande área de turfa, teremos novos incêndios". Isto porque, de acordo com especialistas, a turfa é um material que facilita o processo de combustão.

A Polícia Federal, o Ministério Público e o Corpo de Bom-

beiros vão investigar a origem do incêndio - uma das hipóteses é de que tenha havido uma ação criminosa. A suspeita é de que o incendiário seja um homem identificado como Max Lene, que estaria num assentamento do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Sebastião Lan, às margens do Rio Aldeia, a poucos metros da reserva. Apesar das especulações, ainda não há comprovação de que ele tenha ligações com o Movimento dos Sem-Terra. Algumas casas dos assentados pegaram fogo e outras estavam abandonadas. O suspeito está foragido.

Ameaça

O incêndio, que começou no sábado, atingiu, até à noite, parte da Reserva Biológica de Poço das Antas. A reserva União, a 30 km de distância, também começou a arder ontem



Reserva Biológica União

Tamanho: 3.200 Ha
 Área queimada: ainda não calculada
 Colônia de micos-leões: 100 animais

Efetivo de proteção:

5 guardas
 Verba:
 R\$ 10 mil mensais

Reserva de Poço das Antas

Tamanho: 5.300 Ha
 Área queimada: 400 Ha
 Colônia de micos-leões: 220 animais mais
 530 reintroduzidos em áreas próximas.

Sem verba, pessoal e viaturas

A crise na Reserva Biológica de Poço das Antas atinge todas as 15 unidades de conservação do Rio. O coordenador do Ibama no estado, Carlos Henrique Mendes, reconheceu as dificuldades financeiras e disse que, só na última segunda-feira, o Ministério do Meio Ambiente liberou R\$ 400 mil relativos aos repasses dos meses de abril e maio para o pagamento de serviços de limpeza e segurança. De acordo com ele, até o final do mês, estará concluído projeto para melhorar o funcionamento das reservas e par-

ques do estado. Para a Reserva Biológica de Poço das Antas já existe até uma idéia: criar um cinturão verde de proteção com raio de cerca de 100 quilômetros em toda a extensão.

A parte técnica do projeto poderá ser feita pela equipe do Jardim Botânico do Rio. Para ser implementado, ele depende da negociação com habitantes do local porque, em alguns casos, propriedades e assentamentos terão que ser removidos. "Não adianta pôr um fiscal a cada 200 metros, é inviável. Temos que agir pre-

ventivamente. O cinturão seria uma barreira natural a invasões e até conteria a propagação em caso de fogo", afirmou.

Segundo ele, as unidades de conservação do Rio exigem um investimento anual de R\$ 1,6 milhão que ainda está longe de atender a todas as necessidades. Dos R\$ 400 mil recém-liberados, R\$ 33 mil serão utilizados em Poço das Antas, na compra de combustível, reparo de viaturas e torres de observação, conserto de equipamentos de comunicação e apoio à fiscalização.

Justiça discute ação do Incra

O Ministério Público Federal instaurou uma ação civil pública, em abril de 1998, pedindo a condenação do Incra por ter feito o assentamento de 27 famílias de colonos na fazenda de Cambucas, próxima da Reserva Biológica de Poço das Antas. No caso de a ação ser indeferida, a Procuradoria propõe então que seja elaborado um relatório de Impacto Ambiental.

Por causa da demora no andamento do processo e de denúncias de outros assentamentos irregulares, o procurador da República Luís Roberto Bemvenuto de-

terminou novo procedimento administrativo em maio deste ano para apurar o caso. Segundo ele, o assentamento desrespeita as normas de proteção da reserva, estabelecidas pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama). Estão proibidas todas as atividades que possam afetar a biodiversidade em um raio de 10 Km, em toda a volta das unidades de conservação ambiental, o que inclui a Reserva Biológica de Poço das Antas.

Além do assentamento da Fazenda Cambucas, existem, pelo

menos, outras três ocupações ao redor da reserva. "Hoje a reserva é uma ilha cercada de ocupações e assentamentos", afirmou o coordenador do Prev-Fogo no Rio, Dionísio Pessamilo. A população dos assentamentos costuma fazer queimadas e usar inseticidas em suas plantações, o que prejudica o meio ambiente. Não bastasse o risco de incêndio, essas práticas põem em perigo a sobrevivência dos micos-leões-dourados que se alimentam de insetos, dizimados por estas substâncias químicas.